

Alegria de ser uma supermãe

Tia Glorinha ficou órfã, dormiu na rua, foi sacoleira, e criou sozinha 500 crianças no Lar Padre Cícero em Taguatinga Norte

Beth Veloso
Da equipe do **Correio**

Rostinho iluminado de felicidade, a pequena Dalcilene, 3 anos, sai correndo e estende os bracinhos, toda sorrisos. É sábado, dia de não fazer nada, e ela dança, frenética, o som baiano que sai da vitrola. Por instantes, esquece a melodia e não sossega enquanto não é alçada ao colo e ganha um afago de Maria da Glória Nascimento Lima, a tia Glorinha.

É um gesto automático de quem já teve em seus braços mais de 500 crianças. Muitas delas quando ainda não existia o Lar da Criança Padre Cícero, o abrigo para menores desamparados que ela construiu em Taguatinga Norte, a mando do destino.

Antes de se entender por gente, Glorinha abraçou a primeira criança. "Era uma menina que eu peguei num balaio de capim. Eu tinha 8 anos", conta, rindo de si mesma.

Foi em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, que essa pernambucana assumiu os afazeres de um bebezinho do peão da fazenda onde morava. Bondade? Instinto de proteção. Viu no bebê a sua própria imagem: de uma criança que ficou órfã de mãe aos 2 anos de idade.

Até os 13 anos a vida não foi de tristeza. "Fui criada por um casal que tinha sido criado pelo padre Cícero", conta, orgulhosa com o privilégio de ter compartilhado algo com o santo protetor das viúvas e dos órfãos, de quem herdou um porta-chapéu, uma estátua e um oratório de 250 anos.

"Meu pai era um fazendeiro rico e trabalhador", continua. Nemésio foi-se quando Glorinha tinha 13 anos. Ela acabou num pensionato,

por ordem do juiz. "Eu era rica. Tinha bens. Mas eles roubaram tudo. É uma história terrível", relata. Depois de moça, casou-se com Israel Saturno de Lima, companheiro de toda vida, e teve três filhos.

Veio para Brasília cuidar da menina que teve problemas no nascimento. "Fui roubada no caminho. Chegamos aqui e dormimos oito dias embaixo da marquise perto da Casa do Barata (em Taguatinga)", diz. Foi à luta. Rodava, a cada dois meses, seis mil quilômetros para buscar em Juazeiro, rendas, linhos e bordados para matar a fome. "Vendia de sacola na rua, batendo nas portas."

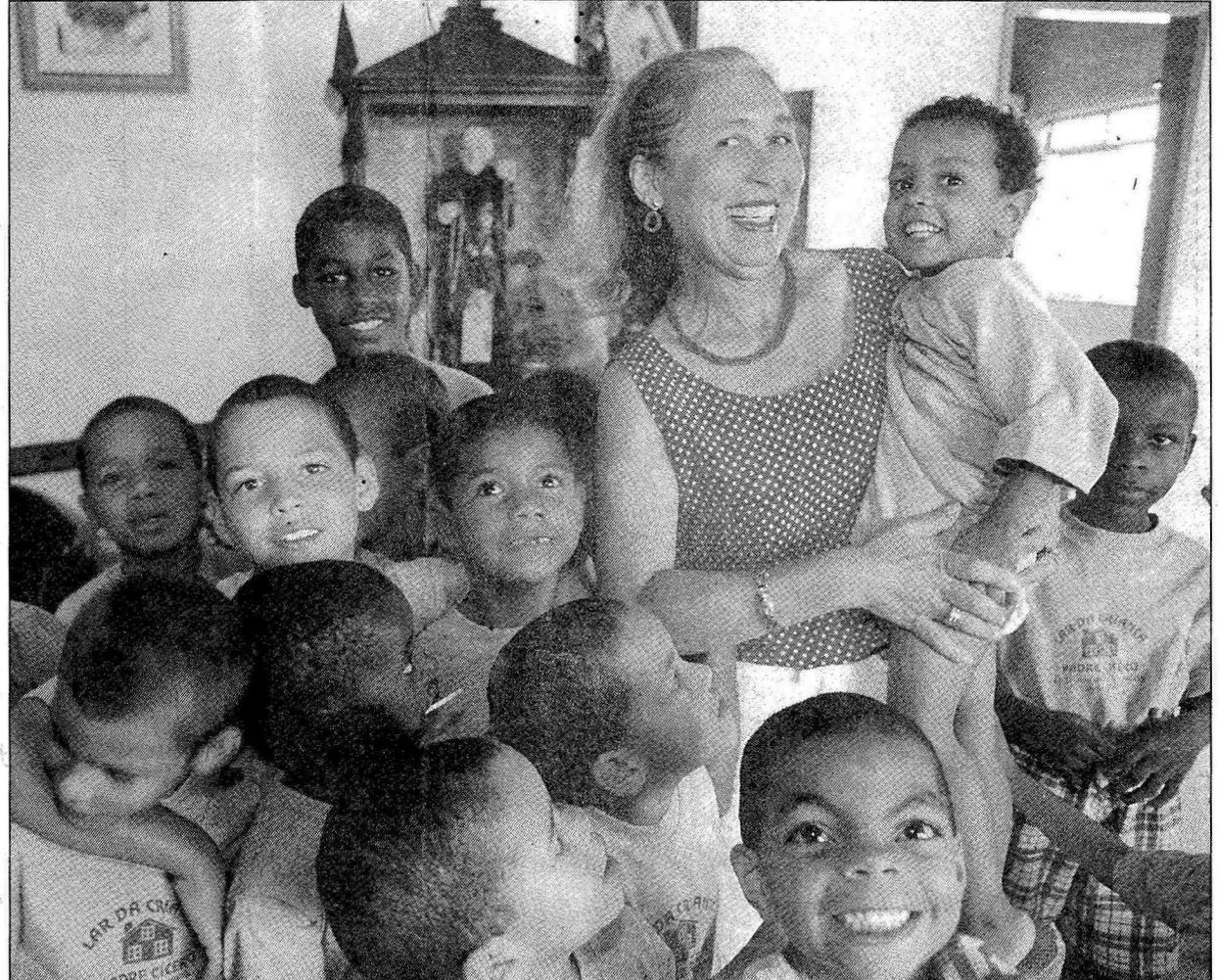
Um dia, deixaram um recém-nascido na soleira de casa. No Brasília Urgente, programa da TV Brasília, arranjou mais cinco. Em pouco tempo, já eram 25 crianças. "Cada dia chegavam à minha casa mães desesperadas pedindo abrigo para seus filhos", lembra. "Trabalhava até a madrugada. Depois, lavava, costurava. Enxugava no ferro cento e tantas fraldas."

PEDINTE

Glorinha criava no anonimato 95 crianças. Foi a mãe com maior número de filhos de uma gincana de colégio. "Eles ganharam o prêmio e eu, aporrinhção". Por exigência do Juizado da Infância e Juventude, fundou em abril de 1984 o Lar da Criança Padre Cícero. "Foi depois disso que ganhei o nome de pedinte", diz.

Com a ajuda de doações, ela construiu um sobrado num terreno de 1.500 metros quadrados que comprou com o próprio dinheiro. Ali, não há placa de aviso na porta. "É para não rotular. Aqui é uma casa como outra qualquer", teoriza. É uma

Zuleika de Souza



A cearense virou mãe de centenas de meninos e cuida hoje de 70 crianças que mantêm limpas, lindas e alegres

teoria simplista. O Lar da Criança abriga 70 crianças de 1 a 18 anos. É a casa onde eles moram. Os maiores aprendem ali técnicas de artesanato em pintura, bonecos e flores e estudam fora. A entidade também oferece curso de marcenaria para 40 meninos que vivem na rua e ajuda a tratar pacientes de câncer.

O Lar é mantido por grupos religiosos e pela comunidade. Pela primeira vez, tia Glorinha conseguiu convênio com a Fundação de Serviço Social este ano. Mas não sabe se terá a mesma sorte em 1998. Com 27 dos 52 seus anos dedicados a cuidar de centenas de crianças, ela perdeu há muito tempo a ilusão e a ingenuidade.

"Nós vivemos brigando com o governo para reivindicar as nossas necessidades", diz. "Lutamos contra a burocracia e contra o

descaso", prossegue. E contra a politicagem. "Todo mundo fala de menino de rua perto da política. Isso deveria ser proibido. Todo mundo gosta desse slogan, mas não faz nada. Eu acho imoral", diz. "Muitos políticos usam a miséria humana para se promover", sintetiza.

Apesar de cética, ela pondera: "De uns anos para cá, melhorou a situação. Temos projetos como Bolsa-Escola e o Saúde em Casa", avalia. "Mas para o menino não ter casa, falta muita coisa. Fazer um colégio agrícola é uma solução para esses garotos que cheiram cola na rua", propõe, com autoridade de expert no assunto.

E batalha para fazer do abrigo um lugar agradável, sem afugentar as doações. Outro dia segurou um homem pela gola. Com uma caixa de leite, ele estava dando meia vol-

ta porque achou a casa muito "chique". "Porque a pessoa tem uma obra social, as crianças tem que viver *mulambentas*, remelentadas? As pessoas confundem sujeira e imundície com necessidade. Então eu vou mandar criança lambem a parede e comer!", provoca.

"Criança tem que estar bonita. Não está aqui para esmoecer, mas para ser um doutor", filosofa, criticando as instituições que cuidam mal das crianças para atrair mais doações. "Me encho de jóias e saio para pedir. Fico bonita, radiante. Tem que mudar essa mentalidade", diz.

SERVIÇO

LAR DA CRIANÇA PADRE CÍCERO
Setor QNG, Área Especial 37, Taguatinga Norte, ao lado do Senac. Telefones 354 6394 ou 354 8290.

